

FAZENDO GÊNERO NA FRONTEIRA: MIGRAÇÃO DE VENEZUELANAS E GUIANENSES NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA-GUIANA.

Carla Regina Rost

Universidade Federal de Roraima-UFRR

O **objeto desse trabalho** é migração de mulheres venezuelanas e guianenses na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. As redes migratórias deste século estão mudando, não apenas do ponto de vista geográfico, mas também de gênero. As migrantes representam 48,6% do total dos migrantes no mundo. Segundo dados da ONU, na América Latina, até os anos de 1960, as mulheres não passavam de 44% da população migrante. Atualmente, representam 50,2% do total.

O **objetivo** é a análise do processo de (re)construção identitária das imigrantes guianenses e venezuelanas em Boa Vista, estado de Roraima, uma vez que na migração encontram a chance de rever e redefinir seus papéis sociais, assim como, sua identidade de gênero. Essas mulheres estão reconstruindo suas identidades, a partir das novas relações sociais estabelecidas no local de destino.

Como **metodologia** para (re)construir a trajetória migratória dessas imigrantes e, identificar o processo de (re)construção social da identidade de gênero e nacional utilizei a observação participante e entrevistas abertas.

Como **resultados parciais** percebe-se que há diferenciação nos deslocamentos entre as mulheres venezuelanas e guianenses. As venezuelanas são mais bem aceitas pela sociedade roraimense, pois estão inseridas no mercado de trabalho formal e na maioria dos casos são pessoas com formação profissional. Já no caso das guianenses sua presença é mais significativa, porém, são as mais estigmatizadas e estereotipadas. São mulheres com baixa escolaridade, encontram-se no mercado informal trabalhando como empregadas domésticas e babás ou como ambulantes, diaristas e catadoras de lixo. Apesar das barreiras sociais e econômicas encontradas por essas mulheres, elas preferem continuar vivendo em Roraima, uma vez que, as dificuldades em seu país são bem mais sentidas por elas. Nesse processo de transitar entre fronteiras nacionais e culturais, as estratégias de comunicação e interação, forçam um processo de negociação cultural e identitária.

Bibliografia:

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **Panorama Social de América Latina 2004**. Disponível em: <http://www.eclac.cl>. Acesso em 29.11.2007

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP' & A editora, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? In: **Sexualidade, Gênero e Sociedade** ano 1, nº 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

Fazendo Gênero na Fronteira: migração de venezuelanas e guianenses na tríplice-fronteira Brasil-Venezuela-Guiana.¹

Carla Regina Rost²

Universidade Federal de Roraima-UFRR

Resumo

Este texto tem como finalidade apresentar os resultados parciais da pesquisa Deslocamentos Populacionais na Tríplice-Fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. O presente texto tem como objetivo analisar a diferenciação e (re) construção da identidade de gênero das imigrantes guianenses e venezuelanas. Essa investigação justifica-se pelo crescimento da presença de mulheres imigrantes em Roraima, estado fronteiriço e, portanto, espaço privilegiado para o intercâmbio cultural. Utilizarei a técnica de história de vida para construir a trajetória migratória dessas imigrantes e, identificar o processo de (re)construção social da identidade de gênero. Como conclusão parcial percebe-se que há diferenciação nos deslocamentos entre as mulheres venezuelanas e guianenses. As venezuelanas não têm presença significativa uma vez que são poucas as que imigram para Roraima e, quando o fazem, geralmente é para acompanhamento do cônjuge brasileiro. Já no caso das guianenses sua presença é mais significativa. Essa migração inclusive vem desde o período do ex-território quando eram trazidas ainda crianças para ajudarem no trabalho doméstico. Atualmente, elas ainda podem ser localizadas trabalhando como empregadas domésticas e babás em casas de famílias. Mas sua presença aumentou no comércio informal, como ambulantes, diaristas e catadoras de lixo. Nesse processo de transitar entre fronteiras nacionais e culturais, as estratégias de comunicação e interação, forçam um processo de negociação cultural e identitária.

Palavras-chave: Fronteira - Imigrantes - Identidade de Gênero.

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² É aluna do curso de Ciências Sociais e de iniciação científica vinculada ao Projeto Deslocamentos Populacionais na Tríplice-Fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. Financiado pelo CNPq e PRPG/UFRR e coordenado pela professora Drª Francilene Rodrigues.

Introdução

Um dos processos sociais contemporâneos de maior relevância no mundo globalizado tem sido a dinâmica migratória, seja pela facilidade de mobilidade proporcionada pela globalização, seja pela busca por uma melhor qualidade de vida, uma vez que, grande parte da população do planeta vive em condições precárias. Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações - OIM³, em relatório divulgado em 2005, cerca de 175 milhões de pessoas vivem fora do seu local de origem, ou seja, de cada 35 pessoas pelo menos uma é imigrante e desse percentual a maioria é oriunda de países subdesenvolvidos que emigrou para os países ricos. Na América Latina o número de migrantes é cada vez maior. Na maioria dos casos, o destino são sempre os países ricos e industrializados como o EUA e a Espanha, que vêm configurando-se, como um dos maiores pólos receptores de imigrantes sul-americanos. Porém, um outro movimento observado na América Latina é a migração entre os países de fronteira, possibilitado pela proximidade e falta de fiscalização, como é o caso da tríplice-fronteira Brasil-Venezuela-Guiana.

O fenômeno migratório tem sido analisado em quase todos os casos a partir da perspectiva econômica e política, deixando de fora outras variáveis tanto ou mais importantes nesse processo, como a diferenciação de gênero. Portanto, um estudo cujo enfoque seja a identidade de gênero das imigrantes venezuelanas e guianenses é de fundamental importância para compreender a dinâmica da atual conjuntura migratória nas regiões fronteiriças.

O texto se divide em quatro partes. A primeira apresenta alguns aspectos da migração internacional contemporânea e algumas reflexões sobre a questão da identidade de gênero e nacional. A segunda parte encarrega-se de uma contextualização da mobilidade humana em Boa Vista, capital do estado de Roraima. A terceira, refere-se à construção da trajetória de vida das imigrantes. Por fim, apresentarei alguns apontamentos e conclusões preliminares desse estudo.

Migração: Uma dinâmica em expansão.

A mobilidade humana sempre se fez presente nas sociedades, destacando-se como um dos fatores sociais mais importantes do século XX e, continua sendo um dos grandes desafios do novo milênio. Os deslocamentos do século passado estavam muito ligados à questão do povoamento e desenvolvimento dos países, principalmente da América, ou seja, a migração era do continente europeu para o americano. Porém, a conjuntura demográfica mundial de hoje, indica uma tendência no sentido contrário. Os latinos-americanos emigram para a Europa, em busca de melhores oportunidades de trabalho. Já que no sistema econômico

³ O informe está disponível em: <http://www.un.org/esa/analysis/wess/> Acessado em 20/11/07.

vigente as oportunidades dão-se de formas desiguais, configurando um quadro de desemprego, de miséria, de conflitos étnico-religiosos, que motivam o deslocamento contínuo da população planetária.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas - ONU, os migrantes internacionais são quase 150 milhões neste início do século XXI. Estima-se que até o final deste século cerca de um bilhão de pessoas estarão se deslocando entre países. Entretanto, confirma-se uma mudança, desde o final do século passado, nos perfis dos migrantes. Após milhares de operários e agricultores deixarem a Europa em busca do sonho de riqueza na América, atualmente, é a migração dentro do próprio continente que caracteriza o movimento migratório. São latino americanos e, em especial, sul americanos que atravessam as fronteiras intra-regionais para chegar às grandes metrópoles, onde estão os focos de empregos. Deixam seus países de origem, por não lhes apresentarem nenhuma perspectiva de futuro promissor. São profissionais com formação em nível superior que buscam espaço no mercado de trabalho. Muitos são jovens, em busca da tão desejada emancipação econômica, outros são mulheres que, sozinhas buscam um bom emprego e muitas vezes tornam-se vítimas da rede de prostituição, bem como, crianças vitimizadas pelas redes de tráfico humano, a terceira maior fonte de movimentação de recursos dentre os ilícitos. A maioria desses migrantes não possui qualificação alguma, estão fora do mercado formal de trabalho e buscam novas formas de sobrevivência, submetendo-se aos trabalhos pesados e mal remunerados.

A migração espontânea ou forçada é muito complexa e requer um olhar a partir de várias perspectivas. As redes migratórias deste século estão mudando, não apenas do ponto de vista geográfico, mas também de gênero. A mulher é um elemento fundamental nesse processo migratório atual. As migrantes representam 48,6% do total dos migrantes no mundo. Segundo dados da ONU, na América Latina, até os anos de 1960, as mulheres não passavam de 44% da população migrante. Atualmente, representam 50,2% do total.

São mulheres que emigram para trabalharem no serviço doméstico, tendo que cumprir horários rigorosos, que as impedem de ter um contato maior com sua família devido a exaustiva carga horária, o que dificulta, ainda mais, a sua convivência no meio social da nova sociedade de destino. Essas mulheres, em sua maioria, trabalham sem nenhum vínculo empregatício formal, muitas estão sem documentação legal e sofrem todos os tipos de preconceitos, seja pela sua condição de imigrante, seja por sua condição de gênero, étnica ou religiosa. São as mais expostas à violência, às condições precárias de trabalho e, cada vez mais, vulneráveis ao comércio do sexo.

As mulheres estão sujeitas a todo tipo de violência, tanto de ordem física, quanto psicológica e moral, mas, é na migração que encontram a chance de rever e redefinir seus papéis sociais, assim como, sua identidade de gênero. Essas mulheres estão reconstruindo suas identidades, a partir das novas relações sociais estabelecidas no local de destino. Trazem

uma bagagem cultural muito rica e diversificada que ao entrar em contato com a cultura de receptora estabelecem novas relações e abrem a possibilidade para a renovação e (re)construção cultural, num processo em que Canclini (1990), denomina de formação de culturas híbridas.

Dito de outra forma, as imigrantes reconstróem suas identidades construídas ao longo das suas vidas, ao mesmo tempo em que incorporam novos códigos ressignificando a cultura e as representações da sociedade em que encontram-se. Reconstruindo assim, uma identidade singular e redefinindo os padrões estabelecidos. Porém, é inegável a relação de poder dos atores locais nessas relações. O imigrante é visto como um estranho, como o “outro”, na busca por adaptar-se ao país de destino. Onde os mesmos sentem-se obrigados a negociar certos elementos culturais da sua sociedade de origem, para só assim, conseguir conviver e ser aceito na nova sociedade.

Nesse contexto, o fato de emigrar torna-se um grande paradoxo. Por um lado, surgem novas oportunidades de trabalho, possibilitando certa independência econômica. Por outro, representa grandes perdas, tanto materiais como afetivas. Nesse caso, quando às perdas são maiores que os ganhos, poderá ocorrer a migração de retorno, numa volta ao “lugar” de origem. Entretanto, ao retornarem, muitos se deparam com a sensação de sentirem-se estrangeiros em seu próprio país (Hall, 2003).

Contudo, falar de imigração e identidade de gênero nos remete a necessidade de uma contextualização histórica sobre o que é ser homem ou mulher. Heilborn (1994), afirma que,

O conceito de gênero ambiciona, portanto, distinguir entre o fato dimorfismo sexual da espécie humana e a caracterização de masculino e feminino que acompanham nas culturas a presença de dois sexos na natureza. Este raciocínio apóia-se na idéia de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade ser homem ou mulher é condição realizada pela cultura.(HEILBORN, 1994, p. 1).

Desta forma, gênero, seria então, uma maneira de diferenciar socialmente as representações sociais do sexo masculino e feminino dentro de uma determinada cultura, segundo os papéis sociais atribuídos a eles, de acordo com a época e com a cultura de um povo.

Portanto, emigrar significa transitar por diferentes nacionalidades e diversidades culturais, que podem disseminar novas idéias e práticas sociais, no contexto de mudanças transnacionais e multiculturais.

A mobilidade humana na tríplice-fronteira.

Nas cidades de fronteiras como Bomfim e Pacaraima do lado Brasileiro, Lethem do

lado da Guiana e Santa Helena do Uairén do lado venezuelano, o fluxo migratório é intenso e faz parte do dia-a-dia das pessoas que vivem nessa região. Percebe-se que as relações sociais de uma maneira em geral, não são distintas das que ocorrem em espaços não fronteiriços. No entanto, a percepção sobre os imigrantes nos espaços mais distantes dessas zonas é reproduzida de forma estereotipada. Esses estereótipos são pré-noções sobre esses imigrantes. No caso específico da tríplice fronteira Brasil-Guiana-Venezuela, são principalmente os guianenses as vítimas de tais preconceitos. Essa diferenciação estigmatizante leva à reação de rejeição e atos preconceituosos.

Na fronteira entre Brasil e Venezuela, cresce diariamente o fluxo de migração, principalmente de brasileiros indo para o país vizinho, motivados pelo comércio e pelo contrabando de combustível, que passou a ser uma forma de sobrevivência de muitas famílias fronteiriças. Outro motivo, que atrai muitos brasileiros, para a cidade de Santa Helena do Uairén, é o fato da atividade de garimpagem não ser ilegal o que faz com que brasileiros e guianenses se direcionem para lá em busca de trabalho nessas minas. Já os venezuelanos, recorrem à cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima em busca de serviços públicos, como o de saúde e educação. Porém, em ambas as fronteiras, não há a devida fiscalização, o que acaba permitindo um grande número de pessoas transitando ilegalmente em ambos os estados, crescendo assim, a quantidade de pessoas que vivem de forma ilegal nessas localidades.

O movimento na fronteira do Brasil com a Guiana, acontece o sentido inverso. Mesmo que, alguns brasileiros transitam pela fronteira guianense, buscando o mercado local, já que este apresenta preços baixos em alguns produtos importados.

A presença dos guianenses em Bomfim, cidade fronteiriça, é, onde há a maior concentração desses imigrantes. De acordo com Pereira (2006) 70%⁴ da população dessa localidade são de guianenses, segundo os próprios moradores. Sendo, portanto, bem mais expressivos do que os brasileiros na Guiana.

Essa migração, é originária da década de 1960, que ocorreu logo após a independência da Inglaterra. Até esse momento às relações que ocorriam na fronteira eram de caráter comercial favorável para ambos os moradores. Com a independência da Guiana, a situação modificou-se, ainda comercializava-se os produtos na beira do rio Tacutu, local de comercialização entre os dois Países. Entretanto, a migração de pessoas tornou-se uma realidade constante nesses espaços, principalmente de guianenses vindo para Bomfim e Boa Vista, devido a crise econômica que se estabeleceu em seu país.

Os migrantes que se direcionam para Boa Vista, na maioria dos casos o fazem à procura de empregos (subempregos) de baixa qualificação e, conseqüentemente, de baixa

⁴ Segundo Pereira (2006) não existem dados oficiais quanto a essa informação. O IBGE não informa a nacionalidade dos moradores dessa cidade.

remuneração, ou mesmo em busca de serviços públicos como saúde e educação. Outro fator importante que é observado, assim como na fronteira Brasil-Venezuela, é que, não há uma fiscalização precisa nos postos federais. O que ocorre são apenas campanhas de fiscalização com objetivos específicos, como por exemplo, orientar a população a pagarem impostos dos produtos, que na maioria das vezes entram pela fronteira brasileira ilegalmente. Como diz Pereira (no),

Os processos migratórios de pessoas e de mercadorias na fronteira articulam, a um só tempo, cultura, identidade, nacionalidade e localidade. Conseqüentemente, para além dos aspectos dos dados estatísticos e geopolíticos dessas três cidades, falar sobre Boa Vista, Bonfim e Lethem é, também, narrar as várias formas de migração que se produzem. São deslocamentos físicos e de significados, conforme os aspectos da interação social que servem à comparação e também retratam as várias formas de ser migrante na fronteira Brasil-Guiana. (PEREIRA,2006,P. 217)

Entretanto, boa parte das imigrantes que adentram pela tríplice-fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, dirigem-se para a capital Boa Vista, movidas pela esperança de dias melhores. Porém, a economia do Estado é restrita ao funcionalismo público, não havendo muitas opções de empregos, outro fator de suma importância é a questão da linguagem, que é considerada uma forte barreira para essas imigrantes, principalmente na hora de inserir-se no mercado de trabalho. Neste caso, a alternativa que lhes restam é o do serviço doméstico e trabalhos informal, como faxineiras, lavadeiras, vendedoras ambulantes, de coletoras de papelões nas lixeiras públicas do município, ou seja, como catadoras de lixo. A vida das imigrantes é uma luta diária **pela sobrevivência**. E em muitos casos, são elas a única provedora do lar.

Contando histórias, tecendo vidas.

Na pesquisa realizada, acompanhei algumas mulheres imigrantes Guianenses e Venezuelanas, com o intuito de compreender melhor como essas mulheres estão reconstruindo sua identidade de gênero e nacional, bem como, suas representações e seus papéis sociais na sociedade de destino. Contactei, primeiramente, as que já conhecia ou sabia que encontravam-se trabalhando nas casas das famílias do bairro Paraviana, área de classe média e alta da cidade de Boa Vista. Depois através de um colega fiquei sabendo que havia um bairro na saída de Boa Vista para o Município de Pacaraima. Nesse local grande parte dos moradores são de origem guianenses e denominam esse espaço de Monte das Oliveiras. O mesmo não é considerado bairro pela Prefeitura de Boa Vista, que reconhece apenas como mais uma invasão.

Muitas das moradoras não encontravam-se em casa, porque estavam no trabalho. Fui informada que essas mulheres trabalham em casas de famílias, tanto nos Bairros da cidade como em Monte Cristo, bairro da zona rural do município de Boa Vista. Consegui fazer contato com algumas delas que foram receptivas. No entanto, foi necessário falar com o líder do bairro, um voluntário da Pastoral da Criança⁵ que faz o acompanhamento dos filhos dos moradores do bairro, o que facilitou a continuidade da pesquisa. Assim como, o fato de estar acompanhada de outro pesquisador, que desenvolvia outras pesquisas no local, facilitou a minha aproximação com essas mulheres, uma vez que, são na maioria pessoas tímidas e desconfiadas, dos motivos de qualquer aproximação.

Outro contato importante para a concretização dessa pesquisa, foram as mulheres da Cooperativa dos Amigos Catadores e Recicladores de Resíduos Sólidos – UNIRENDA⁶. Tomei conhecimento desta cooperativa quando já havia iniciado a pesquisa de campo e encontrei algumas mulheres que trabalhavam em frente de um supermercado no centro da cidade. Observei que estavam selecionando os papelões do lixo do supermercado e tinham traços de guianenses. Aproximei-me e comecei a conversar com uma delas, mas quando perguntei se elas eram da Guiana, de início, a reação foi de defesa e de retraimento. Inicialmente negaram. Mas uma outra perguntou-me porque eu queria saber ?. Naturalmente, com receio de ser retraída por ser estrangeira e de origem guianense, já que, na cidade existe muitas delas nessa situação.

Tudo isso, foi dito de uma forma à transparecer que elas não estavam sozinhas, mas que haviam outras da mesma origem. Então, me apresentei e expliquei meus interesses, que se tratava de uma pesquisa acadêmica, só então é que conquistei um pouco da confiança dessas mulheres que admitiram sua nacionalidade.

Elas estavam em 4 e falaram-me que haviam outras guianenses, que não estavam trabalhando naquele dia por motivos de doença e problemas familiares. Durante a conversa fiquei sabendo que tratava-se de uma cooperativa ligada a prefeitura, e que desenvolvia a coleta de lixo reciclável no aterro sanitário do município. Informaram-me que haviam outras pessoas também da mesma origem, que encontravam-se trabalhando “clandestinamente” no aterro. “Catadores clandestino” era o termo que elas usavam para classificar aqueles que trabalhavam sem fazer parte da cooperativa.

No entanto, não foi possível manter um contato com esse grupo. Uma vez que, trabalhavam ilegalmente e estavam sempre sendo expulsos do local pela Guarda Municipal. Isso os deixavam amedrontados e desconfiados de qualquer aproximação.

⁵ Entidade pertencente a Igreja Católica, cuja a ação esta voltada para o bem estar das crianças de comunidades carentes. Combatendo as desnutrição infantil.

⁶ A Cooperativa dos Amigos, Catadores e Recicladores de Resíduos Sólidos do Estado de Roraima (Unirenda) - foi criada em 30 de novembro de 2002. A iniciativa foi resultado do processo de desativação da lixeira pública, com a inauguração do Aterro Sanitário. Atualmente, 34 famílias vivem da coleta, triagem e venda de resíduos sólidos.

No caso das imigrantes venezuelanas, os contatos se deram através da rede de amigos, que conheciam ou sabiam onde eu poderia encontrá-las e, através delas, conhecer outras, tais como, colegas de sala de aula, uma vez que, a maioria delas estão inseridas no mercado formal exercendo a profissão de professoras de língua espanhola, na rede de ensino público e privado.

Pode-se dizer que com esses primeiros contatos, deu para ter uma idéia de como estão estabelecidas as relações sociais dessas mulheres, e como elas estão reconstruindo suas identidades de gênero e de nacionalidade

O perfil dessas imigrantes está na faixa etária entre, 22 e 45 anos. As guianenses possuem baixa escolaridade, enquanto as venezuelanas possuem escolaridade profissional, e se encontram em condições melhores de inserir-se no mercado de trabalho local, principalmente nas escolas e cursinhos pré-vestibulares, lecionando a língua espanhola. Já as guianenses, são em sua maioria trabalhadoras domésticas. Trabalhando sem nenhuma seguridade social, todas afirmam não ter carteira assinada e quando perguntamos sobre o tratamento que recebem das famílias onde trabalham, as falas são quase sempre as mesmas, distinguindo-se por alguns fatos. Uma das entrevistadas, nos disse o seguinte:

Morava com a família, eles me tratavam bem, com se fosse família deles, comia tudo que eles comia. Fazia tudo, lavava, varria patio, tudo mesmo...eles não pagavam salário, só mesmo comida e dormida, aí depois a patroa, disse que não precisava mais eu tá lá, continuo indo todo dia mais eu dorme em casa, e recebe R\$ 250,00. (imigrante guianense, 15.03.08)

Suas histórias são muito parecidas, quase todas as mulheres viviam em seu país de origem, sem emprego, dependendo do esposo ou da família. E é, esse, um dos principais motivos para elas emigrarem, segundo relatos das mesmas. Viam na emigração a possibilidade de mudar de vida, poder trabalhar, realizar seus sonhos e ter uma vida digna, o que é, um direito de todo ser humano. Mas, ao chegarem no lugar de destino, nem tudo é tão simples, os problemas começam a surgir, principalmente em decorrência da língua falada por essas mulheres o (ídioto) próprio de cada uma. Uma das mulheres guianenses que acompanhei, relatou sua experiência, e disse: *“quando via pessoas na rua, me escondia, (sic) sente vergonha, não sabe falar, aí entrava em casa e não falava com ninguém”*. Outro problema que logo fica visível para elas é a xenofobia. As pessoas ainda têm uma grande dificuldade em aceitar bem os imigrantes. Como muitas delas relatam nas entrevistas, são estigmatizados e estereotipados pela sociedade e isso é sentido por elas assim que chegam em um determinado local.

Com o tempo, essas diferenças vão amenizando, apesar de sempre estarem presentes nas sociabilidades. Elas vão adaptando-se e incorporando novos elementos da cultura local e recriando uma nova identidade social. (HALL,2003). Porém, para entender o jogo de

identidade e diferenças dessas mulheres é necessário compreender como é ser guianense e Venezuelana em Boa Vista, e, quais são as representações dos brasileiros sobre elas. Ao serem questionadas como se sentem, sendo estrangeiras em Roraima, quase todas elas dizem sentir-se bem. As guianenses afirmaram não sentirem muito a discriminação por serem estrangeiras e, sim, por serem negras ou indígenas. As venezuelanas, afirmam que só sentem-se discriminadas por serem de origem estrangeira. Mesmo assim, dizem gostar de viver em Roraima, apesar de sentirem-se estranhas e diferentes (HALL,2000). Pode-se observar isso na fala de uma das mulheres guianenses quando afirma: *“todo tempo me sinto estrangeira”*. Mesmo a xenofobia não estando tão explícita para elas, o preconceito quanto sua cor e sua etnia são mais fortes e sentidos por elas mais do que de nacionalidade.

No caso das venezuelanas ficou evidente, que é bem mais fácil estabelecer vínculos sociais, pelo fato da língua espanhola e portuguesa serem parecidas. A pesar de distintas entre si.

Entretanto, nota-se uma preocupação constante por parte dessas mulheres em manterem os elementos da sua cultura, reafirmando os valores identitários da cultura nacional. Uma das mulheres guianenses disse não gostar de ser reconhecida como brasileira e diz:

Quando perguntam quanto tempo estou aqui, e respondo 22 anos, eles dizem, há você já é roraimense. Então eu sempre digo assim. Não, eu sou guianense, mas gosto de morar no Brasil. E sempre procuro não perder o meu sotaque. Nossa gosto de mais dele!. (guianense. 15.03.08)

Essa tem sido a realidade das imigrantes venezuelanas e guianenses no estado de Roraima, pessoas que vêm com intuito de trabalhar e construir uma vida melhor, mas ao chegarem, deparam-se com outras condições, como de exploração da força de trabalho. Mas, mesmo assim, afirmam que preferem continuar no estado, já que em seus locais de origem deparam-se com muitas outras dificuldades.

Considerações Finais.

Esses dados são parciais, mas, já nos indicam que as guianenses e venezuelanas atravessam às fronteiras em busca de novas oportunidades, cujo os objetivos estão fortemente atrelados à necessidade de uma emancipação econômica e de gênero. No entanto, sofrem barreiras sócio-culturais, tais como, a língua, a cultura local e as condições precárias de trabalho. Pode-se concluir, que, as imigrantes sofrem com os problemas que vêm obrigadas a enfrentar, mas, contudo, não gostariam de voltar para seu país. Nesse processo de transitar entre fronteiras elas acabam por criar formas de identificação com a cultura local, que as fazem sentir parte integrante da mesma. Porém, falta iniciativas de proteção ao imigrante por

parte do Estado. Onde o mesmo contribua para uma vida mais justa e humana para essas mulheres, que se encontram hoje vulneráveis, a todo tipo de descaso social do nosso estado.

Bibliografia:

ARINUCCI, Roberto e MILESI, Rosita. **Migração Internacional Contemporâneas**. 2005. Disponível Em: <http://www.puc.br>. Acesso em: 05.12.07.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 1990.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **Panorama Social de América Latina 2004**. Disponível em: <http://www.eclac.cl>. Acesso em 29.11.2007

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP' & A editora, 2003.

_____. **Identidade e diferença**: As perspectivas dos Estudos Culturais. In. SILVA, Tadeu Tomaz Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? In: **Sexualidade, Gênero e Sociedade** ano 1, nº 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. **Estudos Avançados** 20 (57), 2006. p. 183 – 196.

PEREIRA, Mariana Cunha. Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana. **Estudos Avançados** 20 (57), 2006. p. 209 – 219.

PERES, Roberto Guimarães. As mulheres na migração internacional: As diferentes trajetórias migratórias. **Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. ABEP**. Caxambu – MG – de 20 de Setembro de 2004.

RODRIGUES, Francilene. Migração Transfronteiriça na Venezuela. **Estudos Avançados** 20 (57), 2006. p. 197 – 207.